

Pauta da Reportagem Investigativa: elementos para uma proposta**Structuring Investigative Reporting Story Ideas: elements for a proposal**Samuel Lima ¹**Resumo**

O presente artigo parte da seguinte questão: é possível indicar elementos para a elaboração de um modelo de pauta para a reportagem investigativa? O objetivo geral do artigo é refletir sobre uma proposta de pauta que possa contemplar as questões-chave para um bom começo de uma reportagem investigativa. A referência conceitual tem como elemento básico o entendimento de Nascimento (2010): o jornalismo investigativo é um tipo de conhecimento qualificado que se diferencia do jornalismo diário (hard news).

Palavras-Chave: Jornalismo investigativo, metodologia da reportagem, modelo de pauta.

Abstract

The present article starts with the following question: is it possible to indicate elements for the elaboration of a template for investigative reporting? The general objective of the article is to reflect about a proposal of agenda that can contemplate the key questions for a good beginning of an investigative report. The conceptual reference has as basic element the understanding of Nascimento (2010): investigative journalism is a type of qualified knowledge that differs from daily news (hard news).

Keywords: Investigative journalism, reporting methodology, guideline model.

¹ Jornalista e professor do Departamento de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (Posjor) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). É pesquisador do Observatório da Ética Jornalística (objETHOS/UFSC). E- mail: samuca13@gmail.com. Facebook: <https://www.facebook.com/samucalima> - Twitter: @samucalima

1. Introdução

Em direção oposta a um certo senso comum da profissão, que indica não ser possível o ensino do jornalismo investigativo, refleti sobre o “jornalismo investigativo” como algo passível de ser objeto de um processo de ensino-aprendizagem, no ambiente da formação universitária. Resgato essa referência, presente em recente artigo apresentado no âmbito do IV Seminário de Pesquisa da Abraji (2017), para discutir a pertinência e relevância de indicar elementos para se pensar, no âmbito da profissão, uma espécie de modelo de pauta para a reportagem investigativa.

Para tanto, vou utilizar como referência geral uma pauta, gerada pela experimentação da reportagem investigativa na disciplina “Jornalismo Investigativo” (optativa, quatro créditos, 72h/aula), do curso de jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no começo de 2017. Duas pautas, na realidade, se destacaram. A primeira delas, já publicada, investigou o lucrativo negócio das igrejas no Brasil: quais as facilidades para abrir uma igreja e começar a faturar, com isenção total de impostos? O estudante Mateus Mognon criou e registrou sua própria instituição religiosa – a Igreja Nacionais de Hanzo²:

Após ver uma reportagem sobre surgir uma nova organização religiosa a cada hora, e ver o arqueiro Hanzo, do jogo Overwatch, no computador, veio a ideia. Com 35 milhões de jogadores no mundo todo, o jogo lançado em 2016 traz personagens que lutam para restaurar a paz em um mundo dividido pela guerra. Hanzo é um deles. O próximo passo foi o registro. O cartório exigiu apenas ata e estatuto –que Mateus aprendeu a fazer na internet– e o comprovante de residência do que seria o templo – a casa de um amigo. “O gasto que tive foi para autenticar papéis e imprimir folhas. Nada exorbitante. No máximo, R\$ 10”. O processo levou cerca de um mês (FONTE: <https://bit.ly/2K0i6kE>, acessada em 18/06/2018).

Um relato do próprio Mognon pode ser encontrado também no site Adrenaline³, especializado em games (“Abrir uma igreja no Brasil é tão fácil que eu registrei uma religião para Overwatch”):

O título desta reportagem resume o trabalho que fiz durante os últimos meses, e se eu te contasse sem apresentar provas, você possivelmente riria da minha cara. Eu coloquei o sistema legislativo brasileiro à prova e consegui registrar oficialmente a Igreja Nacionais de Hanzo: uma religião para cultuar o personagem mais odiado do bem-sucedido first person shooter Overwatch. Isso mesmo, somos os donos da

² Reportagem publicada na Folha Online: <https://bit.ly/2K0i6kE>, acessada em 18 de junho de 2018.

³ Matéria publicada no site Adrenaline Games: <https://bit.ly/2t71f65>, acessada em 18 de junho de 2018.

primeira igreja para Overwatch reconhecida em cartório. Hanzo é meu pastor e flechas não me faltarão! Meu objetivo inicial era verificar se é difícil registrar uma instituição religiosa para requisitar a imunidade tributária que é dada para "templos de qualquer culto". Para garantir a liberdade religiosa no Brasil, a Constituição Federal concede liberdade do pagamento de taxas como IPTU, IPVA e impostos sobre serviço e produtos, desde que estejam ligados a disseminação da crença (FONTE: <https://bit.ly/2t71f65>, acessada em 18 de junho de 2018).

A outra pauta que seguiu adiante, tinha como objeto de investigação a morte da jovem catarinense Maiara Felisbino dos Anjos, encontrada na Ponta de Baixo (São José, SC), em novembro de 2016, supostamente vítima de suicídio. A questão de fundo a ser esclarecida pelos estudantes Gabriel Daros e Matheus Vieira era: suicídio ou homicídio? Depois de um ano e meio de apuração, Daros e Vieira (2018, entrevista ao autor), fazem uma síntese de um extenso trabalho de apuração, no qual ouviram mais de 80 fontes e construíram uma relação de confiança com a família (residentes em Gaspar/SC, cidade do Alto Vale do Itajaí, distante 128,2 km de Florianópolis):

Maiara Felisbino dos Anjos, uma jovem de origem humilde, 23 anos, natural de Gaspar e moradora de São José (SC), foi encontrada morta numa praia pouco movimentada do bairro Ponta de Baixo, em novembro de 2016. As circunstâncias atípicas de seu corpo – sentado, com uma corda no pescoço presa à pouco mais de 2m de altura, enrolado com pano e fita adesiva nas pernas, mãos, cintura e boca. O final de sua vida, imprevisível aos moradores da região, era inevitável para quem conheceu toda sua história: criada num ambiente familiar inóspito, teve pai ausente e uma mãe que se recusava a ser chamada de mãe; cresceu em relações instáveis, fugazes, em que era abusada física e mentalmente por quase todos os seus namorados; para fugir das frustrações, começou a usar drogas aos 12 anos, num vício que cresceu até tornar-se insustentável. Tudo isso junto culminou em surtos psicóticos, nos quais ela se sentia perseguida por um ex-namorado que já havia morrido (DAROS e VIEIRA, Entrevista ao autor, 2018).

Os dois estudantes detalham a apuração nestes últimos 18 meses, apontando o que ainda falta fazer da investigação jornalística:

Para melhor interpretar o material, consultamos um advogado criminalista, uma psicóloga da área e um médico legista — todos sem qualquer relação direta com o caso. Conversamos com mais de 80 pessoas, entre elas familiares, amigos, vizinhos, colegas de trabalho, advogada do suspeito, policiais que atenderam a ocorrência, médico legista responsável pela análise do corpo dela, além dos policiais civis que cuidam da investigação; tivemos acesso a uma procuração em nome da mãe da vítima, o que nos ajudou a conseguir o inquérito e documentos da Maiara; puxamos a ficha de alguns possíveis envolvidos junto a uma fonte na polícia; desenvolvemos uma tese que aponta para outro suspeito, totalmente ignorado pelas autoridades policiais. Atualmente, nos falta entrevistar uma última vez o nosso suspeito, a mãe, o suspeito oficial e o delegado (Fonte cit.).

Neste caso, o trabalho de pré-apuração e de elaboração detalhada e rigorosa da pauta da reportagem investigativa fez diferença sensível no resultado, verticalidade e qualidade dos dados e material coletado. Daros e Vieira (Entrevista ao autor, 2018), relatam:

Ao botarmos as mãos no caso, percebemos uma série de inadimplências e incongruências no decorrer da investigação policial. Antes mesmo de iniciar a investigação, a polícia já anunciara à imprensa local se tratar de um suicídio, e que a vítima era outra Mayara (esta, com Y), preocupando uma família que nada tinha a ver com o caso. Além de demorar mais de um dia para corrigir o erro, reforçaram a tese do suicídio com um “bilhete de despedida para o namorado” – na verdade um poema erroneamente interpretado e que, segundo os parentes, datava de anos atrás. Cinco meses depois, mudaram a tese para homicídio e passaram a solicitar exames cujos resultados já estavam adulterados pelo tempo, como a perícia de local de crime (analisada apenas em maio de 2017). Algumas provas foram totalmente ignoradas, como a corda utilizada na cena do crime, gravação da câmera de um vizinho da região que mostrava ela caminhando lá horas antes de sua morte. A apuração policial na casa da vítima foi negligente; testemunhas e familiares contam que os oficiais apenas recolheram pertences à revelia, sem reconstituir os acontecimentos. Por fim, as autoridades interrogaram Tairone dos Santos, affair curto que a reencontrou horas antes de sua morte, duas vezes, sem presença de advogado nem parcimônia, utilizando as informações do testemunho para jogá-lo contra a família da vítima – que mesmo sem provas concretas, comprou a narrativa policial de que ele era o responsável. Um ano e meio de “investigação” policial resultou em um inquérito com singelas 94 páginas (Fonte cit.).

Com base nestas duas experiências de prática pedagógica de jornalismo investigativo, elaboramos, em debate com os estudantes envolvidos, uma proposta que poderia ser usada como subsídio para pensarmos um modelo de pauta da reportagem investigativa. A pretensão aqui é, na melhor das hipóteses, suscitar o debate e a reflexão teórico-metodológica sobre esta possibilidade.

O presente artigo parte do seguinte problema de pesquisa: é possível indicar elementos para a elaboração de um modelo de pauta da reportagem investigativa?

O objetivo geral seria então o de refletir uma proposta de pauta que pudesse contemplar as questões-chave para um bom começo de uma reportagem investigativa.

Nossa referência conceitual tem como elemento básico o entendimento do pesquisador Solano Nascimento (2010): o jornalismo investigativo é um tipo de conhecimento qualificado que se diferencia do jornalismo diário (factual).

Para Nascimento (2010, p. 22), em última análise, “jornalismo investigativo só existe quando há investigação e quando quem investiga é o próprio jornalista”. O autor realizou extensa revisão de literatura para chegar a este conceito-chave, destacando-se a obra dos

pesquisadores estadunidenses Kovach e Rosenstiel (2003), na qual ele vai buscar uma definição original. Há três tipos de reportagens investigativas, segundo os autores: a) reportagem investigativa original; b) reportagem investigativa interpretativa; e, c) reportagem sobre investigações.

Sobre os elementos que devem constituir uma pauta, no entanto, encontramos poucos pontos de apoio na literatura específica sobre o Jornalismo Investigativo. Esta é a contribuição que pretendemos oferecer ao V Seminário de Pesquisa em Jornalismo Investigativo.

2. Algumas Evidências do “Modelo Brasileiro”

A busca de um possível “modelo brasileiro” de jornalismo investigativo, levou a pesquisador Cleofe Sequeira a entrevistar grandes nomes que atuavam nos principais veículos impressos do país. Foram entrevistados, entre outros, jornalistas investigativos como Percival de Souza (hoje comentarista de segurança pública da TV Record), Antonio Carlos Fon, Fernando Rodrigues, Frederico Vasconcelos e Rubens Valente.

Investigando métodos e técnicas de apuração e investigação, utilizados por estes profissionais, Sequeira (2005) fez um registro relevante que pode balizar reflexões pedagógicas, com as devidas aplicações em práticas profissionais. Percival, por exemplo, chama isso de “ritual” que consiste em: “Estudo de viabilidade, levantamento de fontes, pesquisa documental, cruzamento de dados e ter confiança nos rumos da investigação muitas vezes ditados pela intuição” (SEQUEIRA, 2005, p. 120).

Antonio Fon acrescentou algo bem interessante ao olhar de Percival: o uso de técnicas de investigação policial, aplicadas à apuração jornalística investigativa. “Na investigação policial, existe uma técnica chamada de **Espiral Concêntrica**; ao chegar ao local de um crime, o policial concentra-se na figura da vítima, e a partir dela vai ampliando as investigações em sua volta” (SEQUEIRA, 2005, p. 126 – grifo nosso). Fon, contudo, destaca que o diferencial do jornalismo investigativo é o método de trabalho do repórter.

A visão de Fernando Rodrigues segue mais ou menos o mesmo caminho, que começa com o estudo de viabilidade e preparação criteriosa da pauta. Rodrigues é autor da premiada

reportagem sobre os bens dos políticos brasileiros, com base nos dados da Justiça Eleitoral. O jornalista, então repórter da Folha de S. Paulo, levou dois anos entre o levantamento dos dados (eleições de 98/2000/02), análise, cruzamento dos dados, apuração, até publicar a reportagem em setembro de 2002 (SEQUEIRA, 2005).

O jornalismo investigativo feito por Frederico Vasconcelos tem como base provas documentais (fatos destoantes, como ele chama), o que lhe dá vantagem em relação às possíveis refutações. É importante, contudo, ponderar que é possível inventar versões falsas com documentos, eles podem ser adulterados e gerar compreensões inverídicas e/ou imprecisas da realidade se não cruzados com outras informações. Vasconcelos acrescenta algo que em geral escapa do olhar dos e das repórteres, o acompanhamento do trabalho de edição da reportagem: “A precisão é fundamental na hora de se criar um título; já vi um título inadequado servir de brecha para processos contra o repórter e o veículo” (SEQUEIRA, 2005, p. 145).

Rubens Valente talvez seja, deste grupo originalmente ouvido por Sequeira (2005), o repórter investigativo ainda atuando no mercado (Folha de S. Paulo). Para Valente, métodos e técnicas de apuração se traduzem em: a) estudo do tema à exaustão (pesquisa documental, web, especialistas etc.); b) não se deve levantar “teses” – Valente não trabalha com “hipóteses”; c) uso de entrevistas em profundidade com as fontes envolvidas/personagens centrais; d) reavaliação do material apurado; e) produção do texto final. Ele arrisca uma dica aos jovens repórteres investigativos: “Numa reportagem investigativa, o repórter não pode ir para entrevista sem documentos, sem provas ou sem o conhecimento prévio do tema que está tratando, pois corre o risco de ser despistado pela fonte” (SEQUEIRA, 2005, p. 134).

Uma observação geral, no relato de todas as fontes entrevistadas pela pesquisadora Cleo Sequeira, é pouco ou nenhuma preocupação demonstrada quanto à elaboração e refinamento da pauta da reportagem investigativa. Percival de Souza atribui isso ao cotidiano, fatos que estão nesse fluxo constante de acontecimentos diários, ou ainda a vontade do/a jornalista denunciar uma injustiça. Rubens Valente observa que um tema para uma reportagem investigativa surge, na maioria das vezes, de detalhes observados no cotidiano. Algo que é reforçado pelo olhar de Fernando Rodrigues: a reportagem do jornalismo investigativo nasce

quase sempre da observação e dos contatos (fontes cativas) do/a repórter (SEQUEIRA, 2005). Retomaremos o assunto, adiante.

Em síntese, a pesquisadora apresenta elementos gerais observados na convergência das percepções de suas fontes. O “modelo brasileiro” teria sete etapas: 1º) Definição de um novo tema/pauta; 2º) Estudo de viabilidade; 3º) Estudo aprofundado da pauta; 4º) Projeto de Trabalho (definição de métodos e técnicas de investigação); 5º) Apuração (documental e com fontes envolvidas na história); 6º) Cruzamento e análise das informações; 7º) Redação, edição e publicação, com posterior acompanhamento da repercussão pública da reportagem (SEQUEIRA, 2005, p. 154).

3. Elementos para elaboração de uma Proposta de Pauta

O trabalho de orientação da reportagem investigativa sobre o caso “Maiara dos Anjos”⁴ forneceu elementos importantes para pensarmos nosso objeto, a partir da literatura mobilizada na disciplina – profissionais de notável saber na área, que publicaram obras individuais e/ou coletivas, a saber Arbex (2012), Alberti (2012), Fortes (2005), Nunes (2011), Toledo (2011) e Vasconcelos (2008); e pesquisadores como Sequeira (2005), Lopes e Proença (2003), e Nascimento (2010). Cotejando esse conhecimento sistematizado com a prática da investigação jornalística que está em sua fase final, pudemos anotar as sugestões para uma proposta de pauta investigativa que pretendemos expor e aprofundar no presente artigo⁵.

Destacamos, de partida, alguns elementos-chave que agrupamos em uma tabela para fins didáticos, a partir de um exemplo concreto:

⁴ Reportagem investigativa em fase final de apuração e produção do texto, realizada pelos estudantes Gabriel Daros e Matheus Vieira, cujo trabalho começou no âmbito da disciplina “Jornalismo investigativo”, no 1º semestre de 2017.

⁵ A elaboração da proposta de pauta, pensada como um modelo, teve a colaboração da estudante Eduarda Hillerbrandt.

1. Proposta de Pauta

1.1. Lead: Maiara dos Anjos, 23, é encontrada morta na praia da Ponta de Baixo em circunstâncias estranhas: enforcada e amordaçada da cabeça aos pés. A polícia suspeita de suicídio;

1.2. Veículos-Alvo: El País, Agência Pública, BBC;

1.3. Formato Previsto: Reportagem longform com ênfase em texto/foto;

1.4. Deadline: maio/2018.

Neste primeiro ponto, a ideia seria estimular o/a estudante a produzir um primeiro “lead”, resultando da pré-apuração como elemento-chave para a construção da pauta, pedra angular de todo o planejamento e da metodologia da reportagem investigativa. Ademais, ao propor a indicação de veículo, formato e deadline, sinalizamos o propósito de buscar a publicação da reportagem – para além do exercício didático-pedagógico exigido no sistema de avaliação da disciplina.

2. Pré-Apuração

2.1. Indícios da História (Ponto de Partida): O noticiário local havia coberto superficialmente a morte da vítima, reportando o erro policial em inclusive confundir a identidade da jovem com outra moradora do bairro de mesmo nome. Outros dados apontaram que Maiara era natural de Gaspar e não recebia pensão do pai;

2.2. Valores-Notícia: Interesse humano, violência (indícios de feminicídio), contestação de erro policial;

2.3. Origem da Pauta: Notícia publicada no site do jornal Hora de Santa Catarina (RBS), em 17/11/2016⁶.

Neste item 2, a ideia é aprofundar a pré-apuração, refletindo sobre os indícios da história original, articulando o tema com seus possíveis valores-notícia e identificando, com precisão e clareza, a origem da pauta. Neste caso, uma notícia publicada no site de um jornal popular, hoje integrado do Grupo NSC.

⁶ “Jovem é encontrada enforcada na Ponta de Baixo, em São José”, título da notícia publicada no site do jornal Hora de Santa Catarina, em 17 de novembro de 2016. Fonte: <https://bit.ly/2tu0iE0>

3. Angulação

3.1. Hipóteses: Nossa hipótese de partida é de que Maiara dos Anjos foi assassinada. O objetivo-central da reportagem é descobrir não só quem foi o assassino, mas também as razões que o levaram a cometer o crime;

3.2. Narrativa: No caso de provar a hipótese de assassinato, seria fundamental buscarmos a reconstituição dos últimos dias de Maiara e sua relação com o suposto assassino.

O principal exercício deste terceiro item seria o de exercitar a formulação de hipóteses que devem funcionar como balizas da investigação jornalística. Nesta perspectiva, a boa condução dos procedimentos de Pré-Apuração (Item 2) pode ser determinante para o começo efetivo da apuração mais vertical da pauta.

4. Questões de Partida

4.1. Geral: Maiara dos Anjos cometeu suicídio ou foi vítima de homicídio?

4.2. Específicas: Se foi homicídio: quem a matou? Que horas ela morreu? Qual a razão? Houve testemunhas? Como ela foi morta?

As questões de partida (eixo geral e específicos da investigação jornalística) devem estar alinhadas à principal hipótese resultante do trabalho de Pré-Apuração (Item 2). São questões a serem respondidas, se bem formuladas, no decorrer do trabalho de campo (apuração). As primeiras informações apuradas davam conta que a Polícia Militar, que isolou a cena e fez as captações iniciais de informações, estabeleceu no ato que se tratava de um homicídio qualificado. Em seguida, quando o caso foi assumido pela Polícia Civil, após uma semana de investigações preliminares, é que se passou a falar na hipótese de suicídio – recebida com ceticismo por parte da comunidade local.

5. Metodologia da Reportagem

5.1. Fontes Primárias: A começar com os vizinhos das redondezas do local do crime (Ponta de Baixo, S. José, onde ela foi encontrada morta) e moradores do bairro no qual a vítima residia. No segundo momento, a família (mãe, pai, parentes em primeiro grau);

5.2. Fontes Documentais e Dados: Inquérito policial, clipagens da mídia local e perícia de local de crime. O fundamental é acessar o laudo do Instituto Geral de Perícias (IGP), indicando a “causa mortis”;

5.3. Locais de Apuração: Bairros nos quais Maiara residiu (Fazenda Max, Ponta de Baixo), locais de trabalho, e o município de Gaspar (sua cidade de origem, na Região de Blumenau, Vale do Itajaí) para entrevistar os parentes (a mãe mora lá);

5.4 Técnicas de Apuração: Consulta às redes sociais (Facebook de Maiara e sua rede de contatos), sites de processos no Tribunal de Justiça (TJ/SC), busca por imagens de câmeras de rua no local (Ponta de Baixo), fontes oficiais (delegado responsável pela investigação), coletar os dados da reconstituição da cena e circunstâncias do crime. E, por último e não menos importante, apostar na construção de relacionamento com certas fontes – especialmente com a mãe e familiares mais próximos.

Neste percurso de apuração, que combinou investigação de dados a partir das redes sociais, fontes documentais (inquérito policial), contato com um perito do IGP (off) para checar e analisar as fotos feitas no local do crime (quando o corpo foi localizado) e, fundamentalmente, a construção de um relacionamento dos dois repórteres (Daros e Vieira) com a mãe de Maiara dos Anjos. Dessa relação de confiança com as fontes familiares (uma prima dela seria incluída) resultou uma Procuração Pública, assinada pela mãe da vítima, que deu aos dois repórteres a condição legal para obter a base documental mais importante da investigação – a íntegra do inquérito policial, já na fase mais adiantada da apuração autônoma. Essa condição sinalizou para a polícia, que em princípio operou para desqualificar os dois repórteres, que a família passou a confiar no trabalho sério, ético e responsável de Gabriel Daros e Matheus Vieira.

6. Planejamento do Campo

6.1. Equipe: No caso, os dois estudantes Gabriel Daros e Matheus Vieira (reportagem e fotografias);

6.2. Inventário: Dois celulares (gravação/gps/ligações), um carro, uma câmera profissional;

6.3. Plataforma de Armazenamento: Google Drive, agenda e blocos de notas;

6.4. Medidas de Segurança: Não dar informações pessoais às fontes, estacionar o veículo longe de locais considerados perigosos e saber nossos limites para o dia.

Neste Item 6, destacamos a necessidade de planejar o campo (apuração, em sua extensão e totalidade), considerando equipamentos, tamanho da equipe, funções, plataforma

de armazenamento dos dados coletados e, de forma bastante enfática neste exemplo concreto, as medidas de segurança. Em determinados momentos da apuração, quando os primeiros suspeitos do homicídio começaram a ser identificados, em geral ligados aos esquemas de tráfico de drogas na região Metropolitana de Florianópolis, fiz um rigoroso e zeloso trabalho de orientação, fazendo contatos extra-campo para assegurar um mínimo de segurança aos dois repórteres. Isso nos levou a contatar um ex-delegado da Polícia Civil, hoje em funções burocráticas, e um perito do IGP, com sua rede de contatos nas corporações, além de um advogado que orientou a Procuração Pública (poderes e técnicas) para a obtenção da íntegra do Inquérito Policial, ainda em curso.

7. Produção Textual

7.1 Narrativa: Prever o processo de produção da narrativa jornalística. Neste caso, orientamos que as entrevistas fossem decupadas e o texto produzido gradativamente.

7.2 Edição: É algo que, no momento de elaboração da pauta, seguindo esta proposta que apresentamos ao debate, talvez seja ainda incipiente. De todo modo, como a reportagem foi pensada para um formato “longform”, publicação online, a coleta de dados, sobretudo o que pode ser transformado em linguagem gráfica deve ser pensado nesta perspectiva.

8. Orçamento

8.1. Verba Total: R\$ 800,00, numa previsão preliminar, considerando: a) Aquisições: bloquinhos e espaço para armazenamento no Google Drive; b) Manutenção de Equipamentos: caso seja necessário; c) Deslocamento: recursos para bancar despesas combustível (R\$ 50,00 por saída); d) Alimentação: R\$ 10 a 20 para dupla, duas alimentações por saída; e) Hospedagens: R\$ 300,00 em Gaspar; f) Outros Gastos: despesas extras não previstas. Um quadro sintético desta proposta que podemos adotar como subsídio a se pensar um “modelo de pauta”, de caráter mais didático-pedagógico, na perspectiva de ensino-aprendizagem do Jornalismo Investigativo, nos cursos superiores em Jornalismo, é dado a seguir (FIG 1).

REPORTAGEM INVESTIGATIVA – PROPOSTA DE PAUTA

AÇÕES ESTRUTURANTES	ELEMENTOS-CHAVE	DESCRIÇÃO & INFORMAÇÕES
1. Proposta de Pauta	1.1. Lead	
	1.2. Veículo-Alvo	
	1.3. Formato Previsto	
	1.4. Deadline	
2. Pré-Apuração	2.1. Indícios da História (Ponto de Partida)	
	2.2. Valores-Notícia	
	2.3. Origem da Pauta	
3. Angulação	3.1. Hipóteses/Eixos	
	3.2. Narrativa	
4. Questões de Partida	4.1. Geral	
	4.2. Específicas	
5. Metodologia da Reportagem	5.1. Fontes Primárias	
	5.2. Fontes Documentais e Dados	
	5.3. Locais de apuração	
	5.4. Técnicas de Apuração	
6. Planejamento do Campo	6.1. Equipe	
	6.2. Inventário	
	6.3. Plataforma de Armazenamento	
	6.4. Medidas de Segurança	
7. Produção Textual	7.1. Narrativa	
	7.2. Edição	
8. Orçamento	8.1. Verba Total: R\$ a) Aquisições: b) Manutenção de Equipamentos: c) Deslocamentos (Campo): d) Alimentação: e) Hospedagens: f) Outros:	

Figura 1: Proposta de modelo de pauta para o ensino da reportagem investigativa.

Fonte: Elaboração do autor, com a colaboração de Gabriel Daros, Eduarda Hillebrandt e Mateus Vieira.

Considerações Finais

O momento da elaboração e produção da pauta, objeto-síntese da reportagem investigativa, deve ser encarado como parte do processo de investigação mais geral – e não apenas como uma etapa burocrática ou secundária.

Partimos da questão-problema que, em síntese, permitiu a discussão de elementos que possam sustentar uma proposta de pauta para a reportagem investigativa. Reafirmamos, no entanto, que tal proposta deve estar conectada com um processo de ensino-aprendizagem na formação dos jornalistas, com a devida aplicação na prática profissional.

Nesse sentido, alinhamos um objetivo geral em torno dessa questão, na perspectiva de contribuir para o debate sobre as questões-chave que devem ser contempladas, quando da

elaboração da pauta, com o propósito de bem começar o trabalho de apuração (campo) de uma reportagem investigativa.

Na ideia geral de proposta de pauta (modelo provisório) que ora propomos há uma forte conexão entre quatro ações estruturantes: Pré-apuração, angulação, questões de partida (eixos – geral e específicos) e metodologia da reportagem investigativa (considerando sempre aspectos teórico-metodológicos reunidos entre técnicas e subsídios teóricos, alinhados numa proposta adequada ao objeto sob investigação do/a jornalista).

Trata-se, sobretudo, de uma proposta absolutamente aberta ao debate entre estudantes, pesquisadores e profissionais, cujo resultado espera-se não seja exatamente um “modelo”, expressão que pode sugerir um engessamento inútil, mas a configuração de elementos-chave que devem, necessariamente, compor a pauta de uma reportagem investigativa.

Nos dois exemplos aqui expostos, o nível de qualidade e detalhamento, técnico e jornalístico, foram fundamentais para o êxito das reportagens. Evidentemente, que uma pauta de excelência só se realiza com o labor rigoroso e persistente de um/a repórter comprometido com uma apuração intensa, zelosa e lúcida. Nas duas pautas, temos essa energia e compromisso com o jornalismo de qualidade, de parte dos três estudantes envolvidos.

Ademais, sempre é bom lembrar o conhecimento empírico de um dos mestres do jornalismo investigativo, como algo que nasce junto com a sugestão ou proposta efetiva de pauta: “A reportagem investigativa não é uma atividade individual, uma iniciativa isolada. Da sugestão de pauta à edição da reportagem há o envolvimento de profissionais de diferentes áreas da empresa jornalística, além da redação” (VASCONCELOS, 2008, p. 146).

O momento de elaboração e descrição da pauta também já está inserido neste labor coletivo. Informações fundamentais, por exemplo, para o planejamento do campo da reportagem (equipe, estrutura mínima necessária, segurança, armazenamento dos dados coletados etc.) se combinam com as possibilidades orçamentárias disponíveis, seja um trabalho para uma grande corporação jornalística ou um site independente na internet. Aqui são valiosas as informações de parceiros, dentro e fora da redação, que dão suporte administrativo para pesquisas e material de apoio, além do imprescindível assessoramento jurídico (VASCONCELOS, 2008).

Em última análise, nossa ideia de “modelo” de pauta da reportagem investigativa tem a ver com o legado de outro ícone do jornalismo brasileiro, que partiu recentemente e nos ensinou: “O jornalismo investigativo não é apenas jornalismo de sensações e escândalos. Relaciona-se com o jornalismo interpretativo ou analítico, pois, ao inquirir sobre as causas e origem dos fatos, busca também a ligação entre eles e oferece a explicação de sua ocorrência” (DINES, 1986, p. 92)

Inquirir sobre as origens e causas dos fatos e/ou fenômenos objetos da prática da reportagem investigativa é, à primeira vista, apresentar uma pauta que tenha substância, informações de qualidade geradas na pré-apuração, angulação precisa, com questões de partida que sustentem uma apuração vertical. E tudo isso, assentado na base sólida de métodos e técnicas adequadas ao caso sob investigação.

Referências

- ARBEX, Daniela. **Métodos de pesquisa e investigação**. In CHRISFOTOLETTI, Rogério; LIMA, Samuel (Orgs). Reportagem, pesquisa e investigação. Florianópolis: Insular, 2012.
- ALBERTI, James. **Um pouco de sol para o Paraná**. In CHRISFOTOLETTI, Rogério; LIMA, Samuel (Orgs). Reportagem, pesquisa e investigação. Florianópolis: Insular, 2012.
- CHRISFOTOLETTI, Rogério; LIMA, Samuel (Orgs). **Reportagem, pesquisa e investigação. Florianópolis**: Insular, 2012.
- DAROS, Gabriel; VIEIRA, Matheus. **Entrevista ao autor**: Florianópolis, junho de 2018.
- DINES, Alberto. **O papel do jornal** – Uma releitura. São Paulo: Summus, 1986.
- FORTES, Leandro. **Jornalismo investigativo**. São Paulo: Contexto, 2005.
- KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**: o que os jornalistas devem saber e o público exigir. São Paulo: Geração, 2003.
- LOPES, Dirceu Fernandes; PROENÇA, José Luís (Orgs.). **Jornalismo investigativo**. São Paulo: Publisher Brasil, 2003.
- NASCIMENTO, Solano. **Os novos escribas**: o fenômeno do jornalismo sobre investigações no Brasil. Porto Alegre: Arquipélago, 2010.
- NUNES, Angelina. **Jornalismo, o prazer do ofício**. In CHRISFOTOLETTI, Rogério; KARAM, Francisco José (Orgs). Jornalismo Investigativo e Pesquisa Científica. Florianópolis: Insular, 2011.
- SEQUEIRA, Cleofe Monteiro. **Jornalismo investigativo: o fato por trás da notícia**. São Paulo: Summus, 2005.
- TOLEDO, José Roberto de. **RAC e jornalismo investigativo**. In CHRISFOTOLETTI, Rogério; KARAM, Francisco José (Orgs). Jornalismo Investigativo e Pesquisa Científica. Florianópolis: Insular, 2011.
- VASCONCELOS, Frederico. **Anatomia da Reportagem**. São Paulo: Publifolha, 2008.